

REFLEXÃO

A IMPORTÂNCIA DAS GRANDES E DAS PEQUENAS QUESTÕES

MARCELLO BRITO
Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

SAÚDE E economia: essas são as duas grandes preocupações do Brasil e do mundo no momento. Estamos vivemos algo inédito na história da humanidade considerando o acesso a informação que temos hoje. Como não se tem experiências anteriores, levando em conta uma pandemia num mundo totalmente globalizado e tecnológico, muitos se veem perdidos. Ressignificar: esse verbo nunca fez tanto sentido como agora. Um vírus fez o mundo parar, e nos perguntamos como será o pós-pandemia.

No mundo inteiro, há grandes impactos sobre a economia, a vida das pessoas, a forma de trabalhar, o sustento de muitas famílias, a realidade das empresas e a conduta dos órgãos públicos. É, sem dúvida, uma nova realidade, sem precedentes. No Brasil, temos questões que podem agravar ainda mais a nossa situação, que já é delicada. Questões estas que, se não fosse essa crise na saúde, não estariam no centro dos debates político e econômico. Brigas políticas que não ajudam em nada. O ministro do Ministério da Saúde foi destituído do cargo no meio desse combate, e, na sequência, grupos iniciaram ataques contra a ministra do Ministério da Agricultura. Estamos acompanhando os esforços da ministra Tereza Cristina e a sua preocupação com o abastecimento, e a ela e à sua equipe daremos total apoio.

Neste momento de muitas incertezas, o agronegócio é o setor que, mais uma vez, vai segurar a economia com as exportações, além de garantir a segurança alimentar da nossa população. Mas não nos enganemos: esse cenário não é um "céu de brigadeiro". Estamos vendo: pedidos de renegociação de dívidas generalizados; inúmeros pedidos de suporte financeiro das empresas; aprovação de leis em desencontro com as visões das sociedades local e internacional – como, por exemplo, o Projeto de Lei Complementar (PLP) nº 34/20, que se refere a um empréstimo compulsório de 10% do lucro das empresas –; declarações "chinofóbicas"; negação e descrédito à Ciência.

O agro não pode parar, porque o impacto seria ainda maior. Sem dúvida, teremos a continuidade da produção e a garantia do seu processamento e da sua distribuição. São serviços essenciais para amenizar os impactos sociais e econômicos do atual cenário global. A onda de ataques à China que vem sendo promovida por autoridades brasileiras é, para dizer o mínimo, irresponsável. Sem entrar em questões ideológicas e teorias conspiratórias, a China é o principal destino dos produtos agrícolas brasileiros, principalmente grãos e carnes. Em 2019, exportamos só de soja 78% da nossa produção para os chineses, que compraram, também, carnes bovina (35%), suína (39%) e de aves (18%). Só por isso, teríamos que ter algum cuidado nas relações diplomáticas bilaterais.

O momento exige calma e mudanças estratégicas rápidas, para que possamos sofrer o menos possível com os impactos dessa crise sem precedentes. Países não fecham, mas vão à ruína. Precisamos de lideranças que pensem no País: na população mais vulnerável, nos empregos e no mais importante, que é a vida do seu povo. Não é o momento para vinganças políticas, rompimentos, nem para oportunistas de plantão visando a cargos e benefícios pessoais. O momento é de união e reconexão. ■

"Em 2019, exportamos só de soja 78% da nossa produção para os chineses, que compraram, também, carnes bovina (35%), suína (39%) e de aves (18%)."